

Para melhor entendermos “San Gabriel” é necessário fazer algumas referências a “Causas da decadência dos povos peninsulares nos últimos três séculos” de Antero de Quental, uma das *Conferências do Casino*.

Após indicar tudo o que foi criado na Península Ibérica até o século XVI, Antero inaponta a sua decadência, e a explica por três “fenômenos capitais”. O primeiro é a transformação do Catolicismo, pelo Concílio de Trento. O segundo, o estabelecimento do Absolutismo, pela ruína das liberdades locais. O terceiro, o desenvolvimento das Conquistas longínquas.

Vejamos o que escreve sobre as conquistas:

Há dois séculos que os livros, as tradições e a memória dos homens, andam cheios dessa epopeia guerreira, que os povos peninsulares, atravessando oceanos desconhecidos, deixaram escrita por todas as partes do mundo. Embalaram-nos com essas histórias: atacá-las é quase um sacrilégio. E todavia esse brilhante poema em acção foi uma das maiores causas da nossa decadência. É necessário dizê-lo, em que pese aos nossos sentimentos mais caros de patriotismo tradicional. Tanto mais que um erro económico não é necessariamente uma vergonha nacional. No ponto de vista heróico, quem pode negá-lo? foi esse movimento das conquistas espanholas e portuguesas um relâmpago brilhante, e por certos lados sublime, da alma intrépida peninsular. A moralidade subjectiva desse movimento é indiscutível perante a história: são do domínio da poesia, e sê-lo-ão sempre, acontecimentos que puderam inspirar a grande alma de Camões. A desgraça é que esse espírito guerreiro estava deslocado nos tempos modernos: as nações modernas estão condenadas a não fazerem poesia, mas ciência. Quem domina não é já a musa heróica da epopeia: é a Economia Política, Calíope dum mundo novo, senão tão belo, pelo menos mais justo e lógico do que o antigo. Ora, é à luz da Economia Política que eu condeno as Conquistas e o espírito guerreiro. Quisemos refazer os tempos heróicos na idade moderna: enganámo-nos; não era possível; caímos.

Para Antero, as conquistas foram um erro. A decadência da Península Ibérica, e para o que nos interessa a de Portugal, é um fato evidente, e as navegações tiveram efeitos nefastos. Será a esta perspectiva, que de uma maneira inusitada, Pessanha responderá.

Camilo Pessanha (1867-1926) publicou um único livro, *Clepsidra*, em 1920, organizado por João de Castro Osório.

Vejamos o poema que aqui nos interessa.

“San Gabriel” é um díptico formado por dois sonetos. Foi publicado inicialmente no *Jornal Único* de Macau em 25 de Maio de 1898, para comemorar o quarto centenário da chegada de Vasco da Gama nas Índias.

O poema se abre com a descrição de uma calmaria, mas, já na segunda estrofe é formulada uma questão que pede um sentido para a sua existência:

*Inútil! Calmaria. Já colheram
As velas. As bandeiras sossegaram
Que tão altas nos topes tremularam,
Gaivotas que a voar desfaleceram.*

*Pararam de remar! Emudeceram!
(Velhos ritmos que as ondas embalaram).
Que cilada que os ventos nos armaram!
A que foi que tão longe nos trouxeram?*

O fato de o navio ter chegado até aquele ponto precisa ter um sentido.

O uso do presente e da primeira pessoa do plural remete-nos para uma comunidade que realizou essa travessia, mas que, agora, encontra-se parada. Não é difícil associarmos esse navio inerte a Portugal.

O significado das grandes navegações portuguesas ainda não se completou, perspectiva que fica ainda mais patente quando o eu lírico pede a San Gabriel para que este de novo abençoe o mar e guie os portugueses:

*San Gabriel, arcanjo tutelar,
Vem outra vez abençoar o mar.
Vem-nos guiar sobre a planície azul.*

*Vem-nos levar à conquista final
Da luz, do Bem, doce clarão irreal.
Olhai! Parece o Cruzeiro do Sul!*

A viagem portuguesa foi, então, apenas o início de uma outra viagem, de caráter espiritual, que ainda irá ocorrer. As navegações assim não têm um sentido em si, mas são apenas o prenúncio de um caminho que ainda virá a ser percorrido. Caminho que levará à *conquista final da luz e do Bem*.

No segundo soneto de San Gabriel notaremos como através de sucessivas metamorfoses, as naus passaram do navegar terrestre para o navegar aéreo, e do navegar aéreo para o navegar espiritual.

*Vem conduzir as naus, as caravelas,
Outra vez, pela noite, na ardentia,
Avivada das quilhas. Dir-se-ia
Irmos arando em um montão de estrelas.*

*Outra vez vamos! Côncavas as velas,
Cuja brancura, rútila de dia,
O luar dulcifica. Feeria
Do luar, não mais deixes de envolvê-las!*

*San Gabriel, vem-nos guiar à nebulosa
Que do horizonte vapora, luminosa
E a noite lactescendo, onde, quietas,*

*Fulgem as velhas almas namoradas...
- Almas tristes, severas, resignadas,
De guerreiros, de santos, de poetas.*

Proposta de saída para a decadência nacional. Apenas chegando a essa nebulosa, em uma viagem claramente espiritual e não mais terrena, é que os portugueses, com a ajuda do arcanjo Gabriel, poderão atingir um novo estado em que o *já feito* ganhará seu verdadeiro significado, em que a *navegação*, iniciada e interrompida no passado, será finalmente completada.

Ele acaba por reverter a perspectiva de Antero. As navegações tiveram um sentido, mas que só seria atingido no futuro.

Duas notas

1. “Inscrição”

Eu vi a luz em um país perdido.
A minha alma é lânguida e inerme.
Oh! Quem pudesse deslizar sem ruído!
No chão sumir-se, como faz um verme...

Este poema, que abre é o negativo de San Gabriel: o que lá é um destino coletivo de ascensão em direção à luz, é aqui um destino individual de descenso em direção à escuridão. Assim, por oposição, este poema só reforça a ideia de que em “San Gabriel” se constrói uma proposta de saída para esse país perdido. Que poderá, por fim, reencontrar o seu caminho marítimo após séculos de caminhadas inúteis no labirinto da inação.

Este poema possui um pessimismo sobre o país que também pode ser encontrado em um soneto de Antônio Nobre, escrito em 1889

Em certo Reino, à esquina do Planeta,
Onde nasceram meus Avós, meus Pais,
Há quatro lustros, viu a luz um poeta
Que melhor fora não a ver jamais.

Mal despontava para a vida inquieta,
Logo ao nascer, mataram-lhe os ideais,
À falsa fé, numa traição abjecta,
Como os bandidos nas estradas reais!

E, embora eu seja descendente, um ramo
Dessa árvore de Heróis que, entre perigos
E guerras, se esforçaram pelo Ideal:

Nada me importas, País! seja meu Amo
O Carlos ou o Zé da T’resa ... Amigos,
Que desgraça nascer em Portugal !

2. Um poema de *Mensagem* de Fernando Pessoa, que por seu turno dialoga com “San Gabriel”.

O INFANTE

Deus quere, o homem sonha, a obra nasce.
Deus quis que a terra fosse toda uma,
Que o mar unisse, já não separasse.
Sagrou-te, e foste desvendando a espuma,
E a orla branca foi de ilha em continente,
Clareou, correndo, até ao fim do mundo,
E viu-se a terra inteira, de repente,
Surgir, redonda, do azul profundo.
Quem te sagrou criou-te português.
Do mar e nós em ti nos deu sinal.
Cumpriu-se o Mar, e o Império se desfez.
Senhor, falta cumprir-se Portugal!